

A hand with intricate red and gold tattoos holds a single rose that is engulfed in flames. The background is a dark, swirling vortex of falling red rose petals and golden sparks, suggesting a scene of destruction or rebirth. The overall color palette is dominated by deep reds, oranges, and dark greys.

SIX SCORCHED ROSES

A CROWNS OF NYAXIA NOVELLA
CARISSA BROADBENT

SIX
SCORCHED
ROSES



A CROWNS OF NYAXIA NOVELLA

CARISSA BROADBENT

OceanofPDE.com

CONTEÚDO

I. A Primeira Rosa

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

II. A Segunda Rosa

Capítulo 4

Capítulo

5 Capítulo

6 Capítulo 7

III. A Terceira Rosa

Capítulo

8 Capítulo

9 Capítulo

10 Capítulo

11 Capítulo

12 Capítulo 13

4. A Quarta Rosa

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

V. A Quinta Rosa

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

VI. A Sexta Rosa

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Pronto para mais?

Nota do Autor

Também por Carissa

Broadbent Glossário de Termos do Nyaxia

World Agradecimentos

Sobre o autor

[OceanofPDF.com](#)

Copyright © 2023 por Carissa Broadbent

Arte da capa por KD Ritchie no Storywrappers Design.

Design de capa dura sob a jaqueta por Nathan Medeiros.

Design de Interiores por Carissa Broadbent.

Edição por Noah Sky: noahskyediting.wordpress.com.

Revisão por Anthony Holabird: holabirdediting.com.

Revisão por Rachel Theus-Cass.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo armazenamento de informações e sistemas de recuperação, sem permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

OceanofPDF.com

Observe que esta história contém assuntos que podem ser difíceis para alguns, incluindo discussões sobre doenças terminais, morte, violência e situações sexuais explícitas.

[OceanofPDF.com](https://www.oceanofpdf.com)

PART ONE



THE
FIRST
ROSE

OceanofPDE.com

CAPÍTULO UM

TA primeira vez que encontrei a morte, foi em minhas primeiras respirações - ou melhor, nas primeiras respirações que não respirei. Nasci muito pequeno, muito doente, muito quieto.

Meu pai costumava dizer que nunca tinha ouvido tanto silêncio como quando eu nasci - vários minutos terríveis em que ninguém disse uma palavra - e que quando finalmente comecei a chorar, ele nunca ficou tão grato em ouvir um grito.

A morte nunca foi embora, no entanto. Isso ficou claro rapidamente, mesmo antes alguém queria reconhecê-lo.

A verdade veio na segunda vez que encontrei a morte, oito anos depois, quando minha irmã nasceu. Ela, ao contrário de mim, gritou desde o momento em que veio ao mundo. Minha mãe, por outro lado, ficou para sempre em silêncio.

Meu pai estava certo. Não havia nada pior do que aquele tipo de silêncio.

E foi naquele silêncio horrível, enquanto eu abafava minhas tosses e minhas lágrimas com as costas da minha mão, que o curandeiro me lançou um olhar estranho.

Mais tarde, depois do enterro de minha mãe, ele me puxava de lado.

“Há quanto tempo sua respiração está assim?” ele perguntaria.

A morte sempre me seguiu, sabe.

Rapidamente ficou claro que eu não teria muito tempo de vida. No começo, eles tentaram esconder isso de mim. Mas sempre gostei de saber das coisas. Eu era ruim em ler as pessoas, mas era bom em entender a ciência. Eu conhecia a morte antes mesmo de poder nomeá-la.

Mas na terceira vez que encontrei a morte, ela não veio para mim.

Foi dado à cidade de Adcova como um cobertor de seda, acomodando-se lentamente sobre nossas vidas, colocado ali por um dos próprios deuses.

Aqui está a coisa sobre o Deus da Abundância. A abundância tem muitas faces. O deus da abundância também é o deus da decadência. Não pode haver vida sem morte, nem festa sem fome.

Como todos os outros deuses, Vitarus é um ser inconstante e emocional. A diferença entre excesso e ausência é um mero capricho de seu humor. Vidas inteiras - cidades inteiras - feitas ou desfeitas por um aceno impensado de sua mão.

Por um longo tempo, Vitarus sorriu para Adcova. Éramos uma próspera cidade agrícola, aninhada em um trecho de terra fértil. Adoramos todos os deuses do Panteão Branco, mas Vitarus era o deus do fazendeiro e, portanto, nossa divindade favorita. Durante muito tempo, ele nos tratou bem.

Isso mudou lentamente, no começo. Uma colheita estragada, depois duas. Semanas e depois meses de nada. Então, um dia, tudo mudou de repente.

Você pode sentir isso no ar quando um deus está por perto. Eu senti isso naquele dia. Abri os olhos e olhei para o teto e poderia jurar que senti o cheiro da fumaça das piras funerárias.

Eu fui para fora. Estava frio, minha respiração saindo em pequenas nuvens brancas. Eu tinha quinze anos, mas parecia mais jovem. Meu corpo tremeu. Eu era muito magra, por mais que comesse. A morte roubava cada garfada, sabe, e ultimamente estava especialmente faminta.

Até hoje, não sei por que fui até a porta. A princípio, fiquei confuso com o que estava olhando. Achei que meu pai estava trabalhando nos campos, sua forma curvada e agachada na terra. Mas em vez do mar de vegetação ao seu redor, havia apenas um marrom murcho, coberto com o brilho úmido e mortal da geada.

Eu nunca fui bom em ver as coisas que as pessoas não dizem. Mas mesmo assim, quando criança, eu sabia que meu pai estava quebrado. Ele agarrou punhados de colheitas mortas em suas mãos, caindo sobre eles como uma esperança perdida.

"Fá?" Eu chamei.

Ele olhou por cima do ombro para mim. Apertei mais o xale em volta de mim e estremeci, apesar das gotas de suor em minha testa. Eu não conseguia parar de tremer.

Ele olhou para mim da mesma forma que olhou para aquelas colheitas mortas. Como eu era o cadáver de um sonho, enterrado em tudo que não podia salvar.

"Volte para dentro", disse ele.

Eu quase não.

Por anos, eu desejava não ter feito isso.

Mas como eu poderia saber que meu pai estava prestes a amaldiçoar um deus que nos amaldiçoaria de volta?

Foi quando a praga veio. Meu pai foi o primeiro a ir. O resto, mais devagar. Os anos se passaram e Adcova murchou como as plantas no campo naquela manhã em que meu pai havia condenado a todos nós.

É estranho ver o mundo murchar ao seu redor. Sempre dei tanta importância ao conhecimento das coisas. Mesmo as coisas que não podem ser conhecidas – o poder de um deus, as ações de um destino cruel e injusto – têm um limite definido para elas, um padrão que eu poderia separar.

Aprendi tudo sobre a doença. Aprendi como ele roubava o fôlego dos pulmões e o sangue das veias, como reduzia a pele a camadas e camadas de poeira fina até não restar nada além de músculos apodrecidos. No entanto, sempre havia algo mais ali, algo que eu realmente nunca conseguia entender. Não verdadeiramente.

Tanta coisa vivida nessa lacuna - a lacuna entre as coisas que eu sabia e as coisas que não sabia. Tanto morreu lá. Não importa quantos remédios eu preparei ou quantos remédios testei.

A lacuna tinha dentes como os vampiros do outro lado do mar. Dentes afiados o suficiente para nos comer todos vivos.

Cinco anos se passaram, dez, quinze. Mais pessoas ficaram doentes.
A doença veio para todos nós no final.

CAPÍTULO DOIS

EU sempre mantive meu espaço de trabalho limpo, mas tomei cuidado para torná-lo mais organizado naquela noite. Sob a luz minguante do pôr do sol, que salpicava de rosa sangrento sobre minha mesa, organizei cuidadosamente minhas anotações e instrumentos. Tudo estava em seu lugar perfeito quando terminei. Mesmo um estranho poderia ter se sentado à minha mesa e retomado meu trabalho. Achei que isso era prático, apenas no caso de eu não voltar. Eu era dispensável, mas o trabalho não.

Examinei meu trabalho com olhar crítico e depois fui para a estufa. Não era um lugar muito bonito - cheio não de flores coloridas, mas de folhas espinhosas e trepadeiras enfiadas em potes de vidro. Não queria muito crescer aqui hoje em dia. Apenas um pedacinho de beleza brilhava atrás, além da porta que dava para os campos. Uma vez, quando eu era muito jovem, esses campos estavam cheios de plantações. Agora, apenas um pedaço de terra floresceu - um cacho de roseiras, flores negras empoleiradas em folhas de esmeralda, cada pétala contornada em um choque de vermelho.

Cortei cuidadosamente uma única flor, enfiou-a na bolsa com cuidado, depois foi para o quintal.

Mina estava sentada ao sol. Estava quente, mas ela manteve um cobertor sobre o colo de qualquer maneira. Ela se virou para mim e semicerrou os olhos na luz minguante, olhando para minha bolsa. "Onde você está indo?"

"Recados," eu disse.

Ela franziu a testa. Ela viu através da mentira.

Parei ao lado dela por um momento, observando a escuridão sob suas unhas delicadas, o peso de sua respiração. Observando acima de tudo

a fina camada de poeira cor de carne que se depositou sobre a cadeira e seu cobertor. Sua própria pele a abandonando, enquanto a morte se aproximava.

Coloquei minha mão no ombro de minha irmã e por um momento pensei dizendo a ela que a amava.

Eu não disse isso, claro.

Se eu fizesse isso, ela saberia para onde eu estava indo e tentaria me impedir. Além disso, uma palavra era inútil em comparação com o que eu estava prestes a fazer. Eu poderia mostrar meu amor em medicina, matemática e ciências. Eu não poderia mostrá-lo a ela em um abraço - e de que adiantaria uma coisa dessas, afinal?

Além disso, se eu a abraçasse, talvez não fosse capaz de soltá-la.

"Lilith—" ela começou.

"Eu estarei de volta em breve", eu disse.



Quando cheguei às portas, estava ofegante e suando. Parei na soleira da porta, tomando um momento para me recompor. Eu não queria que o que quer que estivesse prestes a me cumprimentar me visse parecendo um cachorro sarnento. Olhei por cima do ombro, para as dezenas de degraus de mármore que acabei de subir e para a floresta além. Minha cidade não era visível daqui. Tinha sido uma longa, longa caminhada.

Da próxima vez, eu levaria um cavalo.

Estiquei o pescoço para a casa diante de mim. Era uma estranha coleção de elementos arquitetônicos — contrafortes voadores, janelas em arco e colunas de mármore, tudo misturado em uma mansão que realmente deveria parecer ridícula, mas em vez disso permaneceu em uma indiferença teimosa e intimidadora.

Respirei fundo e soltei.

Então bati e esperei.

E esperou.

Nada.

Depois de alguns minutos, bati de novo, mais alto.

Esperei.

Nada.

Bati uma terceira vez, uma quarta. E então, finalmente, pensei comigo mesmo, *Bem, esta é a coisa mais estúpida que já fiz*, e tentei abrir a porta.

A porta, para minha sorte — ou azar — estava destrancada. As dobradiças rangeram como se esta porta não tivesse sido aberta por muito, muito tempo. Tive que me jogar contra o mogno para que ele se movesse.

Estava silencioso por dentro. Empoeirado. O interior da casa era tão estranhamente inconsistente em estilo quanto o exterior, embora levasse alguns minutos para meus olhos se ajustarem o suficiente para ver isso. Estava escuro lá dentro, a única luz era o luar atrás de mim. A prata delineava as silhuetas de incontáveis objetos — esculturas, pinturas, artefatos e muito mais que eu não conseguia nem começar a entender. Deuses, era hipnotizante.

"Olá?" Eu chamei.

Mas não havia som. Nenhum movimento, exceto pelo leve farfalhar das cortinas de gaze picadas de traça.

Talvez ele estivesse morto. Ninguém o via há algumas décadas. Ficaria desapontado se viesse até aqui só para descobrir um cadáver em decomposição. *Sua espécie apodreceu? Ou*

eles apenas... "Parece", disse uma voz profunda, "um ratinho entrou na minha casa."

CAPÍTULO TRÊS

T *não há nada a temer*, disse a mim mesmo, mas isso não fez nada para impedir que os cabelos de minha nuca se arrepiassem.
Eu mudei.

E embora eu já esperasse, a visão dele parado na escada, envolto em sombras, ainda me fez pular - do jeito que alguém pula quando uma cobra se move no mato sob seus pés.

Levou um momento para meus olhos se ajustarem à escuridão profunda da escada. Ele ficou no topo da escada, olhando para mim com a vaga curiosidade de um falcão. Ele tinha longos cabelos castanhos escuros, levemente ondulados, e uma barba bem feita. Ele usava uma camisa branca lisa e calças pretas, comuns, embora um pouco desatualizadas. Ele era grande, mas não monstruosamente. Não vi chifres nem asas, por mais que apertasse os olhos no escuro.

Eu estava quase um pouco desapontada com o quão... *normal* ele parecia.

No entanto, a maneira como ele se movia traía sua desumanidade - ou melhor, a maneira como ele não o fazia. Ele ainda estava do jeito que a pedra estava imóvel, nenhuma mudança minúscula em seus músculos ou elevação ou queda de seus ombros, nenhuma piscada ou vacilação de seu olhar enquanto me absorvia. Você não percebe o quanto você percebe essas coisas em uma pessoa até que eles não estejam mais lá, e de repente cada instinto dentro de você está gritando: *Isso está errado!*

Ele se aproximou descendo as escadas, o luar iluminando o âmbar brilhante olhos e um sorriso lento - um sorriso que revelou duas presas afiadas.

Meus calafrios duraram pouco, afogando-se sob uma onda de curiosidade.

Presas. Presas reais, assim como as histórias contadas. Eu me perguntei como isso funcionou? A saliva dele continha um anticoagulante ou...

“Gostaria de me contar o que está fazendo na minha casa?”

Ele tinha um sotaque, uma cadência aguda esfaqueando os t's e d's, aumentando os longos a's e o's com um sotaque melódico.

Interessante. Eu nunca tinha ouvido um sotaque Obitraen antes. Então, novamente, a maioria das pessoas nas terras humanas nunca conheceu ninguém de Obitraes, porque os vampiros não costumavam deixar sua terra natal e geralmente seria melhor evitar se o fizessem.

"Eu estava procurando por você", eu disse.

"Então você entra em minha casa sem ser convidado?"

"Teria sido mais fácil se você tivesse vindo até a porta."

Ele parou ao pé da escada. Mais uma vez, aquela quietude vampírica, o único movimento uma única piscada lenta.

"Você entende onde você está?" ele perguntou.

Essa foi uma pergunta estúpida.

Talvez ele estivesse acostumado a ser intimidado. Eu não me acovardei. Por que eu deveria? Eu já tinha encontrado a morte três vezes agora. Até agora, o quarto foi um pouco decepcionante.

"Eu trouxe um presente para você," eu disse.

Suas sobrancelhas baixaram ligeiramente. "Um presente," ele repetiu.

"Um presente."

Ele inclinou a cabeça, uma onda lenta roçando seus lábios. "O presente é você?"

Outro arrepio percorreu minha espinha e, desta vez, me mexi um pouco para aliviá-lo, o que esperava que ele não tivesse visto.

"Não, eu disse.

"Não desta vez," ele corrigiu, o que eu não tinha ideia de como responder.

"O presente é muito especial. Exclusivo. Você é obviamente um homem que aprecia coisas únicas. Fiz um gesto para as paredes e os muitos artefatos que as revestiam. "Em troca, peço-lhe um favor."

"Isso não é um dom," ele apontou. "Isso é pagamento e não ofereço serviços para venda."

"Semântica," eu disse. "Ouça minha oferta. É tudo o que estou pedindo.

Ele franziu a testa para mim, em silêncio. Eu me perguntei se alguém melhor em ler rostos seria capaz de dizer o que ele estava pensando, mas do jeito que estava, eu certamente não poderia.

Depois de muito tempo, limpei minha garganta desconfortavelmente.

"Existe algum lugar onde possamos sentar?" Perguntei.

"Sentar?"

“Sim, sente-se. Você deve ter muitas cadeiras aqui. Você não deve fazer nada além de ficar sentado nesta mansão sozinho dia e noite.

“Parece que não faço nada além de sentar?”

Ele deu mais um passo para mais perto, e eu o olhei de cima a baixo sem realmente querer.

Não, ele parecia que se movia muito. Provavelmente às vezes levantando coisas pesadas.

Suspirei, irritada. "Maltar. Podemos conversar aqui na porta, se você quiser.

Ele parecia estar pensando nisso, então concordou. "Vir."



Ele me levou a uma sala de estar, que era ainda mais bagunçada do que a entrada. Este, felizmente, estava iluminado, embora fracamente, com arandelas de lanterna que continham peculiares chamas azuis. Pinturas e escudos e espadas e pergaminhos cobriam as paredes. Estantes lotadas estavam espalhadas por todos os cantos — até mesmo na frente das janelas — e o centro da sala estava cheio de móveis finos que não combinavam. Estátuas pairavam sobre nós - um gato de jade nos encarando de um lado da sala, e uma mulher feroz, muito nua, representada em mármore preto, nos observando cautelosamente do outro. As cortinas eram de seda azul-celeste e faixas de tecido combinando penduradas na parede oposta, puxadas para trás para revelar outra extensão de pinturas.

Foi uma bagunça, e foi o lugar mais lindo que eu já tive já viu.

Em dois segundos, identifiquei arte de quatro países diferentes em cantos distantes do mundo. A enorme quantidade de conhecimento nesta sala - eu não poderia nem imaginar.

Meus olhos devem ter ficado um pouco arregalados, porque ele fez um barulho baixo que quase parecia uma risada.

"Você não gosta da minha decoração?"

Não gostou?

Pensei em dizer a ele: *Este é o lugar mais incrível em que já estive*, mas pensei que talvez ainda não fosse a hora de começar a acariciar seu ego.

"Que casa você é?" Eu perguntei, em vez disso.

Outra piscada. "Com licença?" ele perguntou, como se pensasse que tinha me ouvido mal.

"Qual Casa? De Obtraes. Fiz um gesto para a parede. "Isso tudo parece muito colorido para vir da Casa das Sombras. E você parece muito são para ser da Casa de Sangue. Então isso significa que você é da House of Night?"

Suas sobrancelhas baixaram novamente, agora pressionadas tão baixo sobre seus olhos âmbar que pareciam duas pequenas joias espreitando de poços de sombra.

Eu nem precisei questionar se isso era confusão. Bom.

Talvez ele estivesse surpreso que algum humano se importasse em saber sobre os três reinos vampiros de Obitraes. Mas eu gostava de fazer do meu negócio saber das coisas. Era a única coisa em que eu era bom e, além disso, quando você não tem muito tempo neste mundo, quer preenchê-lo com o máximo de conhecimento possível.

Ele disse: "Você realmente não está preocupado que eu vá comê-lo?"

Um pouco, uma voz sussurrou no fundo da minha cabeça.

"Não, eu disse. "Se você fosse fazer isso, já teria feito."

"Talvez houvesse outras coisas que eu quisesse fazer primeiro", disse ele em um tom que sugeria que isso muitas vezes causava muito mais reação.

Suspirei cansada.

"Podemos falar?" Eu disse. "Não temos muito tempo."

Ele pareceu um pouco desapontado, mas então apontou para a sala de estar. Sentei-me em uma cadeira de veludo vermelho empoeirada, empoleirando-me levemente com as costas retas, enquanto ele se acomodava no sofá de couro oposto em uma sala preguiçosa.

"Você conhece o Adcova?" Perguntei.

"Familiar o suficiente."

"Uma doença está assolando a cidade."

Sua boca se curvou. "Ouvi dizer que um de seus deuses inconstantes tomou uma pouco de ofensa para aquele lugar. Vergonha."

Como se Nyaxia, a deusa exilada dos vampiros, fosse um deus mais gentil do que o nosso. Sim, os doze deuses do Panteão Branco podiam ser frios e inconstantes, mas Nyaxia - a deusa herege que se separou do Panteão há dois mil anos para criar sua civilização de vampiros - era tão cruel quanto.

“A doença está piorando”, eu disse. “Está começando a se expandir para as proximidades distritos. O número de mortos está na casa dos milhares e só aumentará.”

Pisquei e vi poeira — poeira rançosa, varrida do chão da enfermaria, das ruas e dos quartos. Varreu cinco, seis vezes por dia do chão da igreja, funeral após funeral.

Vi a poeira que varri do chão do quarto de Mina, um pouco mais espessa a cada dia. A poeira que ambos fingimos não existir.

Eu limpei minha garganta. “Todos os principais cientistas e médicos de Adcova e Baszia estão trabalhando para encontrar uma cura.”

E sacerdotes, mágicos e feiticeiros, é claro. Mas desisti de pensar que eles poderiam nos salvar. Afinal, foi o deus deles que nos condenou.

“Eu acho que você, Senhor...” eu gaguejei, percebendo pela primeira vez que eu nunca tinha realmente perguntado seu nome.

“Vale,” ele disse suavemente.

“Lorde Vale.” Juntei minhas mãos diante de mim. “Eu acho que você pode ter a chave para uma solução.”

Ele sorriu para mim. “ *Você* é um dos 'principais cientistas e médicos do país?’”

Minha mandíbula apertou. Sempre fui ruim em ler as pessoas, mas até eu reconhecia que ele estava zombando de mim. “Sim. Eu sou.”

Mais uma vez, aquela ruga entre as sobrancelhas.

“O que?” Eu agarrei. “Você quer que eu seja mais recatado sobre isso? São você, sobre suas realizações?”

Vale não parecia ser especialmente recatado sobre qualquer coisa.

“Qual o seu nome?” ele disse. “Caso eu precise verificar suas credenciais.”

“Lilith.”

“Lilith...?”

“Apenas Lilith. Você me deu um nome, então é isso que vou dar a você também.

Ele deu de ombros um pouco, como se não pudesse argumentar contra isso.

“Então, Lilith. Como você pretende salvar o mundo?”

Lá estava de novo - aquele revestimento enjoativo de zombaria açucarada, tão grosso que nem eu poderia perder.

Eu disse: “Preciso do seu sangue”.

Um longo silêncio.

E então ele riu.

O som era baixo e contido e, ainda assim, tão denso com um perigo inconfundível. Eu me perguntei quantas pessoas receberam aquela risada como seu último adeus a este mundo.

"Você veio aqui para pedir *meu* sangue," ele disse.

Tudo bem. Eu podia ver a ironia.

"Sim, eu disse. "Não vou precisar de muito. Só um pouco."

Ele me encarou incrédulo.

"Não vai doer," eu disse. "Eu prometo."

"Eu não acho que seria." Ele se endireitou, cruzando uma perna sobre a outra.

"Eu só precisaria de quatro frascos de sangue de cada vez. Talvez um pouco mais, se Preciso de mais para testes adicionais. Eu precisaria vir uma vez por mês.

Ele disse, sem hesitar: "Não".

Eu amaldiçoei silenciosamente para mim mesmo.

"Por que não?"

"Porque há cerca de dois séculos, decidi que nunca mais faria nada que não quisesse. E eu não quero. Então não, rato. Essa é a sua resposta.

Eu honestamente não sabia como responder a isso. Ele parecia estar tendo um tempo tão fantástico brincando comigo que não tinha me ocorrido que ele iria recusar categoricamente - pelo menos, não tão sem cerimônia.

Seu rosto era uma máscara agora. Sem sobrancelha franzida, sem sorrisos. Ele falou como se tivesse recusado um convite para jantar de alguém de quem não gostava. Pura indiferença.

Meus dedos se curvaram, e eu pressionei minhas mãos contra minhas saias para esconder o branqueamento dos meus dedos.

Claro que nada disso importava para ele. O que mais eu poderia esperar de uma criatura como ele - uma criatura que não entendia a vida, a morte ou o sofrimento - senão indiferença?

Eu me forcei a fazer o que Mina faria. Ela sorria com doçura e charme. Eu nunca fui boa em ser charmosa e não via muito sentido nisso na maioria das vezes, mas valia a pena tentar. Então eu sorri, embora parecesse mais como mostrar os dentes.

"Você não me deixou completar minha oferta, Lorde Vale. Em troca do seu sangue, eu vou te dar um presente a cada visita."

Enfie a mão na bolsa e tirei a rosa que havia embalado com tanto cuidado. Tive que olhar para ele por um momento antes de entregá-lo a Vale. eu

imagina que ficou ainda mais lindo aqui dentro, como se fosse pra existir nesse quarto?

Ele olhou para ela, pedra de rosto.

"Uma flor. Muito bonita."

Ele nem tentou esconder o quanto não estava impressionado.

"Eu prometo a você," eu disse, "sua beleza é de longe a coisa menos interessante sobre isso."

"Oh? E por que isto?"

"Você não saberá a menos que aceite meu acordo."

Seus olhos se estreitaram para mim.

"Quantos?" ele perguntou.

"Visitas?"

"Rosas."

"Vou visitá-lo seis vezes e trarei uma rosa a cada vez."

Desta vez, eu esperava outra recusa sem cerimônia. Mas, em vez disso, Vale examinou a rosa, girando-a ligeiramente entre as pontas dos dedos. Ele tinha um olhar muito frio e duro. Parecia um pouco familiar, e não consegui entender o porquê até perceber que era o olhar de um cientista, alguém acostumado a analisar as coisas e desmontá-las.

Uma pequena centelha de alívio veio com essa percepção. Porque isso, pelo menos, era algo que eu entendia. Talvez Vale e eu fôssemos mundos separados em todos os sentidos — humano e vampiro, senhor e camponês, quase imortal e lamentavelmente efêmero —, mas se tivéssemos isso, já seria mais do que eu tinha em comum com a maioria das pessoas que criei. com.

"Tudo bem", disse ele, finalmente. "Eu aceito o seu acordo. você trouxe o seu equipamento? Vamos acabar com isso."



Claro que eu trouxe meu equipamento. Eu tinha minhas agulhas e frascos prontos. Vale puxou a manga da camisa e estendeu o braço para mim, e tirei seu sangue.

De perto, ele cheirava a jasmim — velho e jovem ao mesmo tempo, estrangeiro e familiar. Sua pele era lisa e bronzeada. Quando toquei seu pulso para

ajustar a posição de seu braço, eu pulei com a falta de calor, mas também não estava tão frio quanto eu imaginava que estaria. As pessoas falavam de vampiros como se fossem cadáveres ambulantes, mas eu tinha visto muitos, muitos cadáveres, e Vale não se parecia com nenhum deles.

Ainda assim, eu não tinha certeza do que esperava quando perfurei a pele lisa de seu braço com minha agulha. Eu tive que empurrar com muito mais força do que com um humano, e quando a agulha atravessou, ela o fez com um leve *estalo* e força abrupta. O sangue que fluiu em meu frasco parecia ter a mesma consistência do sangue humano, mas muito, muito mais escuro – quase preto.

Eu assisti, fascinado. Então, no segundo frasco, meus olhos se desviaram para o resto da sala, observando as tapeçarias nas paredes, os livros nas prateleiras. Deuses, alguns daqueles tomos pareciam ter muitos séculos, descuidadamente enfiados em cantos empoeirados.

Quantos anos Vale tinha, eu me perguntei? Diz a lenda que ele esteve aqui, além dos arredores de Adcova, por quase duzentos anos. Quantas décadas — séculos — de vida ele viveu antes disso?

Quanto ele experimentou?

"Você está gostando de olhar?"

A voz de Vale me assustou. Meus olhos voltaram para ele. Ele agora estava olhando para mim como tinha olhado para aquela rosa - me separando, pétala por pétala.

Você é? Eu queria dizer.

Em vez disso, eu disse: "O que será de tudo isso quando você morrer?"

"Eu sou imortal."

Eu zombei. "Você não é imortal. Você é apenas muito longo. Essa é uma distinção importante."

"No momento em que importa, tenho certeza de que não vou me importar."

Já parecia um pouco que Vale não se importava, a julgar pela condição de seu espaço, mas eu também não disse isso.

Um nó de ciúme se formou em meu estômago. Ele falou com tal descuido blasé sobre tudo isso. Sobre sua vida. A gula disso me revoltava.

Ele acumularia todo esse conhecimento aqui e não pensaria em nada. Egoísta.

"Imagino que deva se tornar a única coisa valiosa, depois de todo esse tempo", eu disse. O último frasco estava quase cheio. Observei o sangue borbulhar no vidro, pronto para arrancar a agulha. "Conhecimento."

“O conhecimento é barato e enfadonho,” Vale disse, muito casualmente, e eu quase ofegou para ele em horror.

“Não consigo imaginar isso sendo verdade. Há muito o que aprender sobre o mundo.”

Ele riu um pouco, condescendente, como se ri de um gatinho cambaleante. Arrolhei o último frasco e retirei a agulha de seu braço. Descobri, com alguma surpresa, que sua pele já havia cicatrizado ao redor da ponta da agulha. Eu tive que arrancá-lo de sua veia, ao que ele não reagiu.

“Depois de tanto tempo, você percebe que saber das coisas não importa muito. Conhecimento sem contexto não tem sentido. Esse não é o verdadeiro tesouro.”

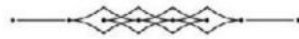
"Oh?" Guardei minhas ferramentas e me levantei. “O que é, então?”

Vale também se levantou. Ele era bastante alto e olhou para mim com uma espécie de prazer lupino. Ele sorriu, revelando aquelas presas mortais. A luz da lua que entrava pela janela brilhava em seus olhos cor de âmbar.

Eu me senti, de repente, como um idiota por pensar antes que ele não parecia monstruoso. Porque neste momento, com aquele sorriso malicioso nos lábios, vislumbrei o homem das lendas. O monstro dos sussurros.

"Curiosidade", disse ele.

PART TWO



THE
SECOND
ROSE

OceanofPDE.com

CAPÍTULO QUATRO

Vo sangue de Ale era lindo. Não havia outra maneira de descrevê-lo - era inegavelmente agradável esteticamente como um campo de flores.

Era quase madrugada quando voltei para casa naquela noite. Eu não estava cansado, porém - não, longe disso. Eu estava literalmente tremendo de excitação, minha mente repassando cada momento daquela visita várias e várias vezes, queimando-os na memória. Abracei minha mochila contra o peito durante a maior parte da caminhada, como se para protegê-la do mundo. Afinal, era contrabando.

Quando cheguei em casa, fui direto para o meu escritório e tranquei a porta atrás de mim. Eu não precisava que Mina soubesse o que eu estava fazendo, tanto para o bem dela quanto para o meu. Quanto menos eu a envolvesse em meu esquema blasfemo, melhor.

Mas ainda não havia passos na casa. Mina ainda estava dormindo. Peguei meus instrumentos, bagunçando tudo o que eu havia arrumado com tanto cuidado antes de partir. Arrastei uma mesa lateral para o centro do chão, colocando minha lente sobre ela - um dispositivo composto de muitos anéis de latão empilhados uns sobre os outros, o de cima com dobradiças e coberto de vidro para que pudesse ser posicionado na vertical. Runas e sigilos foram esculpidos em cada anel de metal e, quando o toquei, pude sentir a magia pulsando nele. Peguei minha tinta e enfiei o dedo nela, desenhando uma série de marcas ao redor do círculo mais externo do dispositivo.

Eu não tinha nem um pinga de magia, é claro, nem queria nenhum especialmente — eu tinha visto muitas vezes como isso poderia levar à ruína. Mas as ferramentas que a magia poderia produzir eram inegavelmente úteis. Este foi criado por

uma sacerdotisa de Srana, a Deusa da Visão e do Conhecimento. Eu gostava de ver as coisas, então pelo menos podia ser grato a Srana por isso.

Terminei as runas, coloquei meu frasco no centro do dispositivo e soprei as velas. O anel de cobre superior brilhava com um calor constante e, quando ajustei a dobradiça, um anel de luz foi lançado sobre a parede.

Dentro desse anel estava o sangue de Vale — seu sangue em seu nível mais básico, as menores partículas de vida dentro dele. Pareciam um campo de pétalas de flores rubro-negras no reboco, movendo-se em lentas constelações como as estrelas no céu.

Às vezes as pessoas falavam de vampiros como se fossem mortos-vivos, nada mais do que cadáveres animados. Um olhar para Vale me disse que não era verdade. Ainda assim, eu sabia que os vampiros tinham uma relação mais próxima com a morte do que os humanos, então talvez eu esperasse ver um pouco disso na composição do corpo de Vale.

Não. Nada disso era a morte. Era beleza, vida e um milagre espantoso. Ele tinha centenas de anos e ainda assim seu sangue era saudável e próspero. Era gracioso, elegante. Parecia tão diferente do sangue humano e eu tinha certeza de que reagiria de maneira diferente a cada teste. E, no entanto, havia algo tão familiar nisso também, como se fôssemos os originais e ele fosse a melhoria.

Talvez a deusa herética dos vampiros tivesse descoberto algo, afinal.

Fiquei olhando por muito tempo, paralisada.

Meu instrumento foi criado com a magia de Srana, uma deusa do Panteão Branco - o Panteão Branco que desprezava Nyaxia, a mãe dos vampiros, o que significava que eu tinha que ter muito cuidado com os instrumentos que usava perto desse sangue.

Até mesmo o fato de eu tê-lo... aqui, em uma cidade que adorava Vitarus...

Pisquei e vi meu pai ajoelhado naquele campo de morte, os nós dos dedos tremendo em torno de um punhado de desgraça, pronto para ofender um deus que alegremente o ofenderia de volta.

Afastei o pensamento e rapidamente quebrei o instrumento, colocando o sangue de Vale em uma gaveta.

Ainda assim, não pude deixar de retirá-lo a cada poucas horas para examiná-lo, mesmo que apenas por alguns segundos de cada vez. Eu disse a mim mesmo que era para o trabalho - e era principalmente, porque eu não parava de trabalhar por mais de dez minutos de cada vez nos próximos dias.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trad Crowns Of Nyaxia 1 5 The Nightbor..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).